

Lições da Copa: a visão de uma mulher distante da cozinha

Por: **Isamar Neiva¹**

isa.neiva.lettras@gmail.com

O inesquecível placar de 7 x 1 da Alemanha sobre o Brasil, na semifinal da Copa do Mundo de 2014, causou indignação em muitos brasileiros. Nas redes sociais se aglomeram comentários, especulações, piadas, ridicularizações, dentre outras coisas.

Uma característica interessante do brasileiro – não sei se é uma patologia genética ou uma condição resultante do cotidiano – é “rir de suas desgraças”. A gente, “brasileiro com muito orgulho, com muito amor”, faz piada de quase tudo e sempre depois das quedas “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima” ou, talvez, pense que “cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente”,

Mas, chega um momento em que levantar e (se) superar, seguir em frente já não são suficientes.

Depois de um mês de “festa”, de turnos de trabalho reduzidos ou cancelados em cidades em que aconteciam jogos, fossem da seleção brasileira ou não, ficaram algumas questões por debaixo do lixo.

Mesmo antes da Copa, parte da população havia ido às ruas em protesto, contra os bilhões destinados ao evento e que poderiam ser investidos em saúde e educação, sobretudo. O engraçado (porque a gente vê graça e riso em quase tudo) é que essas manifestações começaram no período da Copa das Confederações, em 2013, e persistiram em 2014, até o início da Copa do Mundo. Por que não quando se soube que o Brasil fora escolhido para sediar o Mundial, em 2014? Aliás, a preocupação era se o Brasil teria ou não condições de sediar o evento e na questão da mobilidade urbana. Quem não se lembra do bordão “imagine na copa”?

Mas, passado o evento, tendo em mente o fato de que este é ano de eleições, toda a indignação sucumbirá ou os protestos irão às urnas? A que grau de indignação poderá chegar o brasileiro? Criar-se-á um novo bordão “imagina nas eleições”?

Parece que a preocupação dos brasileiros sempre foi muito mais com a visão que os estrangeiros teriam do País, assim como quem arruma a casa, eternamente em desordem, para a visita que chegará. E a “Copa das copas” chegou à cozinha? Ao menos havia o *FIFA FanFest* para os “sem ingresso”, não é? “Assim caminha a humanidade”. Assim se perpetua a política de “pão e circo”, hoje com outros nomes e outros benefícios governamentais.

¹ Doutoranda em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, na Universidade Federal da Bahia.

A priori, foi dito que o “hexa” do Brasil estava garantido e que a Copa estava comprada. Agora, textos circulam nas redes sociais afirmando que a seleção brasileira se vendeu, assim como o fez na copa de 98, na França. Parece que é mais fácil aceitar a corrupção do que a incompetência. Talvez, estejam todos já acostumados com a corrupção que vai de políticos ao “cidadão comum”. Seria isso um fato?

A seleção brasileira foi a que menos treinou em todo o Mundial. Em contrapartida, o então técnico da seleção brasileira disse:

Treínamos da mesma forma que fizemos na Copa das Confederações, quando todos elogiaram. Foi tudo planejado pelo departamento médico. Vocês sabem que depois de um jogo, não tem como fazer um treino técnico. Nós suportamos quando precisamos jogar 120 minutos, passamos por cima. Em toda a Copa, tomamos apenas um gol de bola parada e fizemos seis gols. Como isso é possível sem treino?

(Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/irritado-felipao-comemora-semifinal-e-diz-que-brasil-perdeu-por-pane-em-seis-minutos>)

Talvez a pergunta seja outra: Como vencer sem treinos? Quem objetiva ocupar o primeiro lugar, conquistar vitórias e garantir interesses não pode se contentar com poucos treinos, inversamente, deve intensificar o ritmo. Eis o momento adequado para superação. Vale mais superar a si mesmo na tentativa de conquistar o que se quer do que superar um fracasso.

Outra frase do então técnico da seleção brasileira, em entrevista pós derrota histórica contra a Alemanha, me chamou muito a atenção e talvez tenha sido o impulso motivador para a elaboração deste texto. Ao ser perguntado por que não mexeu no time, disse:

24 minutos, 25, 26, 28 e ninguém [nenhum jogador que entrasse] vai trocar nada! Foi um atrás do outro. Foi um branco total. Tentávamos falar para organizar, para ficar um pouco, porque foi pressão que deu tudo certo e deu errado naquele momento. Não tinha o que fazer naquela oportunidade. Mudar quando está em pane não vale a pena, então esperei.

(Fonte: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/08/felipao-assume-culpa-pela-goleada-para-a-alemanha.htm>)

É o típico pensamento brasileiro de que “o que não tem remédio, remediado está”. Não é preciso entender muito de medicina para saber que intervenção cirúrgica é também uma possibilidade. O problema é que o brasileiro se acostumou com o diagnóstico médico, sobretudo quando emana do SUS, de que quase tudo é “virose”. Por falar nisso, cabe lembrar que o problema e o grave estado atual da saúde e educação no Brasil têm sido tratados também como virose.

Impressiona ouvir de um técnico, após uma derrota grandiosa, que não havia nada a fazer e, mais ainda, que se esperou até o final do primeiro tempo porque “[...] Mudar quando está em pane não vale a pena [...]”.

Esperar mais o que depois de 5 gols? Posso até não entender muito de futebol, mas assim como “de médico e de louco, todo mundo tem um pouco”, a gente também vira técnico de futebol e consegue ver que o esquema tático é funcional ou não.

Ocorre que no que tange à educação, tem acontecido o mesmo. Para muitos colegas professores tem sido mais fácil culpar o sistema e o governo do que tentar modificar o que claramente não está bom. “Até bem pouco tempo atrás, poderíamos mudar o mundo, quem roubou nossa coragem?”

Impressionou e chamou à atenção internacional ver a torcida brasileira, cantando à capela, o hino nacional até o final da primeira parte, quebrando, assim, um protocolo do “padrão FIFA”, expressão que, aliás, pensando em léxico, em estruturas linguísticas, tem se tornado um *slogan* utilizado em contextos extra futebolísticos. O momento do hino nacional foi, sem dúvidas, um dos mais emocionantes da e na Copa do Mundo de 2014, copiado por outras seleções e torcedores. O patriotismo *ad-hoc* aflorou no coração de muitas páginas de brasileiros em redes sociais. Mas, foi só a seleção perder o foco e rumo para o “amor”, a paixão nacional desaparecer como prova incontestada de que os “filhos da nação” fogem à luta. Se a adoração patriótica se perde por causa de 7 gols, imagine se houver um risco de morte?

De repente, a identidade brasileira, assumida e a florada no Mundial, expressa pelo *slogan* “somos todos”, que começou em protesto a uma atitude racista², definiu-se, e se tornou como uma espécie de arcaísmo, motivado pelo desuso, obviamente. Os resquícios dessa identidade persistem, entretanto, neste texto, sobretudo na oscilação das pessoas do discurso – ora o eu, ora o plural, ora o outro.

Parece que Renato Russo estava equivocado ao dizer que “tudo é dor e toda dor vem do desejo de não sentirmos dor”. A dor, a frustração de ver a seleção brasileira ser humilhada em campo é a mesma que sente grande parte dos brasileiros todos os dias, fora do contexto futebolístico. Que o desejo de não sentirmos mais essa dor nos motive a atacar contra a ignorância e nos defenda da incompetência, que juntas formam uma forte seleção de adversários que jogam no nosso mesmo time.

Texto redigido em 13 de junho 2014, às 18.18 – minutos antes do gol da Alemanha contra a Argentina, na final da Copa do Mundo de 2014, no Brasil.

² Em um jogo contra o Villareal, torcedores lançaram banana em direção ao jogador Daniel Alves, do Barcelona, que come a banana, em protesto ao ato racista. Após esse episódio, uma agência publicitária transformou a inteligente reação do jogador em *marketing*, utilizando uma foto publicada no Twitter do também jogador Neymar com seu filho com banana nas mãos e o slogan “Somos todos macacos”. A partir daí, o *slogan* se expandiu.